FASCISMOS NOSSOS DE TODO O DIA: ESTÉTICAS DA CRUELDADE EM TEMPOS DE GUERRA

FASCISMS WE FACE EVERY DAY: AESTHETIC OF CRUELTY IN TIMES OF WAR

Thiago Ranniery Moreira de Oliveira[1]

RESUMO: Este ensaio é uma reflexão sobre as estéticas da crueldade como um regime de sensibilidade forjado na cultura em tempos de espetáculo da violência. O argumento, aqui, desenvolvido é que há uma vontade de ver e falar de crueldade operando nos artefatos da cultura para governamento de um humano que, logo, aprendemos que somos. Esse regime de visibilidade e dizibilidade da crueldade age como um cordão sanitário, trava uma guerra própria para não cruzarmos os limites de um Eu humano, demasiado humano, transformando a guerra em forma de gestão da vida.
PALAVRAS-CHAVE: crueldade, experiência do eu, humanismo.

ABSTRACT: This essay is a reflection on the aesthetics of cruelty as a regime of sensibility forged in the culture in times of spectacle of violence. The argument, here, developed is that there is a desire to see and speak about cruelty operating in the artifacts of culture for the governing of human, so we learn who we are. This scheme of to see and to speak of cruelty acts as a sanitary cordon, wags a war itself to not cross the boundaries of a human self, too human, transforming the war in way of managing of life.
KEYWORDS: cruelty, experience of self, humanism

[1] Mestrando em Educação pelo Programa da Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, membro do Grupo de Pesquisas em Currículos e Culturas da FaE/UFMG, membro da Associação Internacional de Pesquisa em Drama/Teatro e Educação, Bolsista de Demanda Social/CAPES.

Da Guerra do Golfo à Guerra da Bósnia. Da Guerra do Afeganistão à Guerra do Iraque. Da Guerra da Criméia à Guerra do Chaco. De Cabul à Sarajevo. Dos 6, 5 mil hectares de Manhattan em 11 de setembro à Madrid. Da Faixa de Gaza ao campo de refugiados em Jenin. Da Chechênia às Ilhas Virgens. De Huanda a Irlanda. Dos milhões de judeus no campo de concentração às favelas cariocas. Das crianças africanas famintas e aidéticas ao derramamento de petróleo no Golfo do México. Do tsunami devastador na ilha de Bali ao terremoto no Chile. Da mulher apedrejada por traição no Oriente Médio ao gay torturado e queimado vivo no Brasil. Do tráfico de mulheres à pedofilia. Do maníaco do parque a George Bush. De Hitler a Jack, o estripador. Do goleiro Bruno ao General Pinoche. Da mãe homicida à Margareth Tatcher. Do General Franco a Osama Bin Laden. Dos grupos de extermínio à Al Jazeera. Do cinema de Steven Spilberg ao brasileiro Amarelo Manga. Da Lista de Chingler à Cidade de Deus. Do Massacre da Serra Elétrica à novela das oito. Das manchetes do Jornal Nacional à fotografia de Sebastião Salgado. Das pinturas de Goya e Pablo Picasso às fotos de fundo das carteiras de cigarro. Da música de O Rappa aos clipes de Madonna e Lady Gaga. Da filosofia de Aristóteles a Maquiavel. De Schopenhauer a Nietzsche. Da literatura de Dostoievski e Virginia Woolf ao Caçador de Pipas. De Bataille e Kafka à Menina que roubava livros.

A crueldade está aí, em toda parte. Olhem! É assim! É isto que a crueldade faz! E mais isto! E também isto a crueldade faz. A crueldade aflige, dilacera, despedaça. A crueldade tortura, esfrangalha, eviscera. A crueldade calcina, esquarteja, esmigalha. A crueldade destrói, aniquila, devasta. Chegamos à crueldade por muitos caminhos. Conhecemos a crueldade de muitas formas. Ora, uma experiência imediata. Ora, um tema de obras literárias, cinematográficas ou pictóricas. Quase sempre, uma manchete de jornal. Às vezes, um conflito filosófico. Se houver espaço, um problema acadêmico. É preciso concordar: nossa história tem sobrenome! Nossa história é a História da Crueldade! O terrível século XX, nas palavras do historiador Eric Hobsbawn (1995), foi, sem dúvida, o século mais assassino de que temos notícias, tanto em registro, escala e freqüência das guerras que o preencheram, como também pelo volume único das catástrofes que produziu desde as maiores fomes da história ao genocídio sistemático. Crueldade tornou-se um nome comum para esse tipo de experiência. Em todo caso, fica claro que à medida que a escutamos no cinema, na televisão, no rádio, nos livros ou onde quer que seja, o que está em jogo não é somente uma palavra. O que entra na dança é muito mais uma estética, um regime de sensibilidade, forjado na cultura em tempos de guerra, *uma estética da crueldade.*

Tenta-se a qualquer todo custo injetar um por quê: a crueldade tornou-se *espetáculo* na já clássica argumentação sobre sociedade do espetáculo de Guy Debord (2002). A indústria cultural, para relembrarmos Theodor Adorno (2002), fez da exibição da crueldade produto de entretenimento! Dizem de nós como cidadãos e cidadãs, consumidores de uma violência teatralizada, adeptos da proximidade sem risco aprendendo a ser cínicos a respeito da possibilidade da sinceridade. Chega-se a falar em uma tendência neodocumental da ficção que tomou a mídia, a literatura e o cinema junto a uma compulsão por situações-limite da vida social. As tinturas desse naturalismo tardio nos fariam identificar e reconhecer a *espectacularização da crueldade* como um dado imediato da realidade, quase uma prova da sua verdade. Fazemos até grandes esforços: estudos e revisões sobre violência e meios de comunicação de massa (cf. STRASBURGER, 1999) têm apontado no mínimo uma dessenbilização dos

espectadores para a violência, quando não, que essa relação tem facilitado o comportamento agressivo e anti-social. A violência tornou-se objeto de primeira necessidade, espécie de item obrigatório na visão de mundo que nos é transmitida, criando a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. Nesse jogo sombrio, a associação entre mídia, consumo e criminalidade pode nos levar ainda a extrair da violência uma glória intensa e um prazer fugaz.

Estamos acuados! Acurralados em *uma cultura da violência*, nos termos de Jurandir Freire Costa (1993), tanto como culto a ela, tanto como forma de vida! A "banalidade do mal", na tese de Hanna Arendt (1999), encerrou-nos em um beco sem saída com uma entidade monstruosa que nos persegue. Uma confissão ou mesmo um desabafo: e se não for nada disso? Ou se, pelo menos, não for só isso? Se, estamos tão cheio de verdadeiros ou falsos teatros da violência, porque não nos convertemos com prazer à paranóia? Se, estamos tão à beira do *armagedom*, porque a crueldade e a violência teriam tomado a obra de tantos escritores e filósofos modernos e continua a tomar os escritos de autores contemporâneos? Se, vivemos atolados nesse umbral lamoso do qual não podemos escapar, ou nas palavras de Giorgio Agambem (2004), nesse estado de exceção que se tornou a regra, em que a vivemos uma violência, não exatamente sem fins que a justifiquem, mas uma violência como um meio sem fim, porque a crueldade teria tornado-se temática recorrente na literatura (cf. BATAILLE, 1981), no teatro (cf. WILLIAMS, 2002), no cinema (cf. VIRILIO, 1993) e até na filosofia (cf. MACHADO, 2006) e na história (cf. DOUMILLÉ, 1992)? Se crueldade é só mais um enlatado da sociedade do espetáculo o que explicaria livros de Maquiavel ou Virginia Wolf quando eles nem figuram o entre os *Top 10* dos mais vendidos, dos mais tocados, dos mais bonitos, nem dos mais recomendáveis?

Atolados em um buraco negro, a argumentação ora pende para um desmesura inédita ou a lei da violência nas telas que encerra a crueldade como se afetasse unicamente a ordem da mídia e da cultura da mídia, ora a crueldade é amarrada a fatos históricos e aos artefatos da cultura que, ao falarem sobre crueldade, falam, estritamente, do que acontece de fato em nossas sociedades. O que se pretende? O que se quer com isso? A hipótese do *espetáculo da crueldade* não só pressupõe que somos todos apenas espectadores da crueldade como também supõe que não existe crueldade no mundo, que de tão surreal, ela chega a ser fictícia, só é tema de filme de Hollywood ou de literatura cult. Sua impertinência é tal que coloca ficção e realidade em oposição, levando à suposição que fazer ficções é uma operação risível e que a mídia, ou mesmo a literatura e arte, nada mais são que lanchonetes de brutalidade humana num deserto árido servindo doses de sangue para nosso consumo macabro. É só relembrarmos a imagética radical do Teatro da Crueldade Antonin Artaud para percebemos o quão ela foi reduzida, muitas vezes, a uma visão de sangue e carnificina. De modo ainda mais factual, seguiríamos à esteira de que a crueldade está fora de nós, em algum lugar por aí, à espreita, prestes a nos atacar. Uma visão enraizada no pensamento cristão e com uma afinidade terrível com a sensibilidade moderna. Que a crueldade não é algo nosso, é um erro, um acidente ou um crime, algo a ser definitivamente recusado e corrigido. Se for só isso, talvez não valha a pena mesmo existir...

Será possível falar em outras condições? Se podemos, de um modo ou de outro, ponderar que a estética da crueldade tem nos educado cretinamente para uma naturalização da violência, ao mesmo tempo, em que camufla o conflito social, a estética da crueldade não teria lá seus artefatos propositores de pedagogias em tempos

de guerras, dentre os quais a mídia, a literatura e o cinema? Se ao viver dos nossos medos e terrores, ao explorá-los de forma doentia, a estética da crueldade estaria expandindo o sentimento de impotência e constrangendo o individuo ao território doméstico e a si mesmo, por circunstância, não seria concordável que esses discursos têm lá suas vontades de sujeito? Esses discursos, seus modos de endereçamentos, para relembrarmos a teorização de Elizabeth Ellsworth (2001), não deixam de fazer projeções de quem eles pensam que somos e de quem eles querem que nos sejamos Talvez seja, mesmo, preciso ir mais longe.

Afirmamos: a experiência da crueldade é uma experiência do irreparável! Só pare quando ele, o homem, estiver definitivamente morto! Tomamos, aqui, uma parte pelo todo! Quando restringimos nossa atenção a determinado homem, estamos restringindo-nos a uma espécie de experiência que na nossa própria cultura aprendemos a tomar como o todo. Em uma cultura limitada à *experiência do eu*, nas palavras do sociólogo inglês Richard Senett (1988), ao Ser e ao Uno, não há mais o que dizer, quando um homem morre ou a ele lhe é infligido violência, a não ser propagar a notícia que os outros também irão morrer. Não é à toa que as notícias com mais impacto sobre a audiência são aquelas em que o espectador é levado a pensar que o sofrimento infligido poderia ter ocorrido a qualquer um[2], *a mim, a você e a todos nós*. Os padrões do discurso teriam se deslocado dos dramas da condição humana para a constituição da audiência, do leitor ou do espectador como *vítima virtual*. O que se diz que aconteceu a qualquer vítima poderia muito bem ter acontecido *comigo, com você e com qualquer um de nós*, foram apenas circunstâncias aleatórias que o impediram. Ao mesmo tempo, *eu, você ou qualquer um de nós* é um *suspeito em potencial*, o criminoso pode ser qualquer um de nós que invista em uma ação e aceite o risco de uma perda, diz análise de Michael Foucault (2009). Ninguém se assemelha mais a um criminoso que um cidadão comum. *Eu, você e qualquer um* somos a próxima vítima. O assassino mora inevitavelmente ao lado.

Mas quem é esse Eu, Homem, sem trégua tão querido? De onde vem seu horror a crueldade? A historiografia já tem mostrado que há apenas um século antes, os massacres públicos brilhavam intensamente nas metrópoles européias em rituais que beiravam à festa e ao carnavalesco (cf. CORBAIN, 2008). A compreensão da crueldade exige mesmo nos referirmos a uma reviravolta na cultura sensível no século XIX que se enraíza, pelo menos, em meados dos séculos XVIII. Foi precisamente nessa época que um certo espaço de refúgio para o indivíduo e a família burguesa começava a ser criado, fornecendo um território a salvo das exigências e perigos do mundo (CORBAIN; PERROT, 1991). O Eu autêntico, profundamente humano, interiorizado e opulento, que portador de uma verdade incontestável deveria ser protegido e salvaguardado. Um tipo de sujeito que aprendeu a organizar sua experiência em torno de um eixo no centro de sua vida interior. Afinal, o que são *O Discurso do Método* de Renné Descartes (2003) ou *As Confissões* de Jean-Jacques Rosseau (1998), dois grandes marcos literários dessa época, se não grandes autobiografias, incursões maravilhosas no interior da própria subjetividade em busca da verdade de si mesmo?

Aprendemos aí que qualquer experiência que inflija o Eu, essa coisa que precisa a todo custo ser mantida, alimentada e protegida, deve ser reparada, o que quer

[2] Para uma discussão mais aprofundada, conferir os trabalhos de Paulo Paulo Vaz e seus colaboradores (2005; 2006; 2007).

dizer, de certa forma, alvo de captura e controle de tudo que o excedesse. Assim seja, toda essa sobrecodificação e estratificação dos afetos que são atribuídos as significações dominantes. Agora sim, espetáculo! Teatro de marionete: *aparelho de captura*, diriam Gilles Deleuze e Féliz Guattari (1997), das linhas, agora justapostas em um conjunto vertical e hierarquizadas, profundo buraco negro, esse de existir. Harold Bloom (2001), a respeito da obra de Shakespeare conjecturou que *nós*, sujeitos modernos, aprendemos a ser humanos com seus personagens, reconhecendo-nos nesses modelos dominados por uma profundeza oculta no centro de sua vida interior. De modo análogo, com os personagens da crueldade que se fazem circular nas literaturas e nas mídias em nossos tempos aprendemos também nossa dose de humanidade.[3] A exposição da crueldade não deixa, primeiramente, de soar como uma convocação à uma paradoxal solidariedade: solidariedade que é símbolo da proclamação da nossa inocência, mas também da nossa imobilidade. Não sofrer com a crueldade, não sentir repugnância diante dela, não lutar para aboli-la, seriam reações de um monstro moral. "Não há crueldade sem consciência" - proferiu certa vez Antonin Artaud (2006, p. 118).

Embora, e ainda bem, não deixem de haver fugas, ressonâncias em alhures, besouros do deserto, gêiseres a brotar das rochas. A desterritorialização vem do próprio objeto que é tomado a capturar. Ser da linguagem que a linguagem ultrapassa, o Eu corre, faz correr, é vazado e faz vazar. Talvez vivamos, por isso mesmo, de modo similar ao que Foucault (1999a) apontou para os discursos relacionados ao sexo, a incitação a *fazer falar e ver* da crueldade. Longe de vivermos em um universo mudo no qual se deve evitar o assunto da crueldade, falamos dela o tempo todo até quando não falamos ou mesmo quando falamos de outras coisas. A prática exibicionista da crueldade, é bem verdade, está longe dos confessionários da Era Vitoriana, espalhou-se dos jornais aos blogs, da literatura de auto-ajuda às novelas. O próprio Michael Foucault (2008) também mostrou que os anormais, são produções imantes ao corpo social, fazem parte dela, são necessários a sua existência. Se, é com a experiência de si sobre si que toda uma cultura como a nossa tem lidado, em todos os seus artefatos, a crueldade só é o que é no homem e só toma profundidade nele, pois é, somente, quando conduzida como excesso do humano, que aprendemos que somos, que a crueldade pode ser visível e palatável. "A crueldade não foi acrescentada ao meu pensamento, ela sempre viveu nele", proferiu Artaud (2006, p. 116).

Necessária v*ontade de falar* e *ver* crueldade. O mecanismo de sua permanente exibição, esse regime de visibilidade e dizibilidade da creuldade, parece ser usado para por em captura *a sua vida, a minha e a de todos nós* - para nos vender territórios subjetivos de benevolência, boas intenções e moralidade, propagar a banalidade do bem, bem diria Terry Eagleton (2010). . A expansão de um regime de visibilidade da crueldade na mídia, na literatura e em outros artefatos da cultura não deixa de compor todo *um apelo ao real*, na denominação de Ilana Feldmann (2008), fascinado pela ilusão da transparência total – tudo ver, tudo mostrar, tudo provar, nada esconder, ao mesmo tempo, que carrega nesse desejo de transparência, o fantasma da vigilância evocado em nome da segurança. É preciso cada vez mais fechar, codificar, constranger, isolar.

[3] É claro, que aqui me refiro, explicitamente, as produções mais comuns que tomam a crueldade como conteúdo, como as mídias de massa, de modo especial os programas jornalísticos, a literatura sobre períodos de guerra e pós-guerras em países latino-americanos e do Oriente Médio que caíram no gosto popular, a retomada naturalista do cinema brasileiro, ante as produções que, diante do mesmo quadro aqui traçado, desenvolvem experimentações, tomando a crueldade mais como procedimento, como o teatro performático, por exemplo.

Grande empreendimento para que nos transformemos nisso tudo que se acredita: pequena criança acuada em uma noite de caçada. A crueldade é exibida em *shows privês* para nos dizer aquilo que somos e não devemos ser, para onde podemos ir, mas não devemos. Crueldade: território proibido para o qual é necessário acusar sua existência como que escreve uma placa "Perigo! Não ultrapasse"!

Falar da crueldade. Trazer a crueldade à vista. Fazê-la aparecer. Torná-la enunciável e visível. Dar-lhe luz e linguagem. Um olho e uma boca. Uma terapêutica para um desejo de infinitude, um gestionário do sofrimento para um humano sem fim. Aquele humano que voava alto porque tinha um grande par de asas, até que um dia caiu. A crueldade pertence mesmo a uma época que se abriu ao acontecimento da morte de Deus e a inserção da finitude em nossa existência. Essencialmente física, a *vontade de falar* da crueldade funciona como um cordão sanitário a nos proteger da morte anunciada e quase sempre perpetrada pelos efeitos devastadores da transcrição e da escrita (cf DERRIA, 1971). Um mecanismo que precisa falar da crueldade para torná-la visível, portanto, poder agir sobre a matéria humana, paralisando-a do movimento. É por esse mecanismo de fala e de fazer falar, se seguirmos Gilles Deleuze (2007), que se engolem os simulacros, se articulam as profundidades e as superfícies, por onde se dá a gênese do Eu. Necessidade cruel essa que para produzir o homem em si mesmo como diferença, faz a crueldade querer saltar para fora e permanecer sempre do lado de dentro, entalada na garganta. Consumir e ser consumido. Consolar e ser consolado. Isso é que me parece ser a todo custo exercício de crueldade, espetáculo da violência, "pois está claro que a vida é sempre morte de alguém" (ARTAUD, 2006, p. 118).

E esse alguém será sempre um virtual interditado de existir, ou seja, as possibilidades de viver o imponderável. Um Outro que chega à nossa casa indubitavelmente sem convite. Um Outro que não é uma figura, antes uma potência, um bloco de forças que nos atravessa. Um Outro que é expressão de um mundo possível enquanto tal. Esse assassino que mora ao lado é sempre um Outro que nos atesta a experiência cruel dos limites de nós mesmos. Um Outro que nunca está lá, nem cá, está aqui, vindo de lá, vai para um lá, levando um pouco daqui. Um forasteiro que a todo custo precisa ser controlável, previsível, governável, e porque não, colonizável quando é tão perturbador. Expor a crueldade do Outro com um Outro não deixa de soar como um movimento duplo de localização: um Outro que será sempre um algoz e um si que será sempre a vítima desse Outro. A organização desse binarismo na estética da crueldade em torno de uma experiência fundacional de um Eu interior são, deste modo, pensamentos forjados na cultura eurocêntrica modernista, o que não deixa de soar como um colonialismo humanista de territórios subjetivos.

Trabalho incessante esse das estéticas da crueldade que assolam a literatura e as mídias na organização das matérias humanas e na finalização das suas funções. A cultura educa. O Homem desenvolve-se. Redução da multiplicidade. Restrição a espaços programáveis. Imposição de condutas. A vida confinada a uma forma-dominante. Mas que forma dominante é essa? Esse Homem, dotado de uma consciência imensa, de um ressentimento sem fim, de uma culpa absurda, enfim de toda uma moral, para relembrarmos Nietzsche (1987), dotado de toda uma consciência do mal, afirmaria Allain Badiou (1995). Esse homem-carcaça. Nossa espécie é profundamente pesada. A arte, a literatura, a mídia, ou pelo menos parte considerável da reflexão filosófica que tem se dedicado a ela, têm carregado nas costas esse

humanismo doentio. Embora seja preciso deixar um pouco mais claro: o problema não está na forma-humana, mas que o homem, esse vermezinho insosso e medíocre se torne a meta última e única da cultura, que acaba, por sua vez, se convertendo em destino. A forma Homem torna-se aí um *princípio de crueldade*, para usarmos as palavras de Clement Rosset (2002).

Isso é que me parece, a todo custo, ser acuar, encurralar, amedrontar. Afinal, o quanto de crueldade não foi preciso para fabricar essa forma Homem atual, se perguntaria Nietzsche (1997) na sua genealogia da moral? O quão de técnicas cruéis não foi disposto para docilizar esse corpo de forças em um Homem se perguntava Foucault (1999b) em sua genealogia das prisões? Não é só a história mais recente que já nos tem mesmo apontado toda a violência sua propriedade legítima da cultura. É interessante que em certas narrativas sobre a origem da cultura e civilização humana, seu princípio fundador chegue a ser o crime[4]. E talvez o seja mesmo... O alimento da cultura é uma vontade de crueldade, diria o próprio Nietzsche (1992), porque é, antes de tudo, uma expressão do governamento de uma forma de vida. Uma vontade de falar e ver da crueldade convertida em estética da crueldade, como a que vivemos hoje é expressão de um governo do humano para a condução de suas condutas em limites aceitáveis, localizáveis e codificáveis quando forças por todas partes parecem estar dispostas a por terra uma suposta humanidade. As estéticas da crueldade travam uma guerra própria para não cruzarmos os limites do eu humano, demasiado humano, transformando a guerra em forma de gestão da vida, atolando-nos no medo. Não é nada difícil recordar com Jean Delumeau (2004) que uma história dos nossos medos refere-se de algum modo a tudo aquilo que nos coloca no limite do humano.

Vivemos, aqui sim, em uma espécie de claustrofobia a céu aberto que nos enclausura no território de nós mesmos. Não porque existam delinqüentes, estupradores, assaltantes soltos nas ruas ou porque existam guerras no Oriente Médio e fome na África e somos impotentes diante delas, mas porque é essa forma-eu-obscuramente-humana que a exibição da crueldade, como regime estético, ambiciona tornar controlável e auto-controlável. Aparelho de captura pedagogicamente terrorista, hospitalarmente sanitarista, familiarmente cuidadosa, militarmente convocatória... Forma de vida da qual todo um vampirismo se alimenta e alimenta, necessita de sua saúde, vive do seu vitalismo e a faz viver. Como diria Artaud (1983, p. 47), "eles querem a todo custo e por todos os meios possíveis fazer produzir soldados". Nos interstícios da sociedade do controle, em mais um conceito, as estéticas da crueldade que assolam muitas de nossas produções artísticas e culturais têm tangido corpos e espíritos, carnes e emoções nos currais da dor e do sofrimento, acionando seus mecanismos de captura do humano. Fascismos nossos de todo dia.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Marx. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARENDT. Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São

[4] Argumento largamente desenvolvido por Sigmund Freud (1974) e Herbert Marcuse (1969);

Paulo: Cia das Letras, 1999.

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ARTAUD, Antonin. Segurança pública: a liquidação do ópio. In: WILLER, Claúdio. (org.). **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BADIOU, Allain. **A ética: ensaio sobre a consciência do mal**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

BATAILLE, Georges. **La literatura y el mal**: Emily Bronte, Baudelaire, Michelet, Blake, Sade, Proust, Kafka, Genet. Madrid: Taurus, 1981.

CORBIN, Alain. Dores, sofrimentos e misérias do corpo. In: CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). **História do Corpo**: Da Revolução à grande guerra. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORBIN, Alain; PERROT, Michele. El secreto del individuo. In: ARÌES, Philippe; DUBY, Georges. **Historia de la vida privada**. n. 8. Madri: Taurus, 1991.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon**: lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades do controle. In: DELEUZE; Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch**: o frio e o cruel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1997. v.5.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DESCARTES, Renne. **Discurso do método**. São Paulo: Abril, 1973.

DUMOULIÉ, Camille. **Nietzsche et Artaud**: pour une étique de la cruauté. Paris: PUF, 1992.

EAGLETON, Terry. **O problema dos desconhecidos**: questões de ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamentos: coisa de cinema, coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FELDMAN, Ilana. O apelo realista. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 36, agos. 2008. p. 61-70.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999a.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I**: a vontade se saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999b.

FOUCAULT, Michael. **Os anormais**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michael. **Nascimento da Biopolítica**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2009.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**: alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREIRE COSTA, Jurandir. O medo social. In: **Veja 25 anos**: reflexões para o futuro. São

Paulo: Abril, 1993.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROSSET, Clément. **O princípio de crueldade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Lisboa: Relogio D'Agua, 1988.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

STRASBURGER, Victor. **Os adolescentes e a mídia**. Porto Alegre: Artmédica, 1999.

VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema**. São Paulo: Página Aberta, 1993.

VAZ, Paulo; SÁ-CARVALHO Carolina; POMBO, Mariana. A vítima virtual e sua alteridade: a imagem do criminoso no noticiário de crime. **Revista Famecos**, v. 30, pp. 71-80, 2006.

VAZ, Paulo. **Risco e sofrimento evitável**: a imagem da polícia no noticiário de crimes. E-Compós, v. 4, p. 1-22, 2005.

VAZ, Paulo; LISSOVSKY, Mauricio. Noticias de crime e formação da opinião pública: o caso do referendo sobre o comércio de armas no Brasil. **Logos 27:** mídia e democracia, v. 14, n. 2, jul/de 2007. p. 89-107.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Recebido: 11/03/2011

Aprovado: 25/07/2011